

A Casa Faulhaber: uma experiência pioneira da indústria fonográfica brasileira (1910-1914)¹

Sandor Buys
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Sandor.buys@gmail.com

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO
SUBÁREA: MUSICOLOGIA

Resumo. É apresentada pela primeira vez uma historiografia detalhada da Casa Faulhaber, uma das empresas pioneiras da indústria fonográfica brasileira. O estudo é baseado especialmente em entrevistas e documentos fornecidos pela família Faulhaber, em jornais da época e no exame de discos fonográficos. A Casa Faulhaber, em associação à empresa alemã Favorite Record, gravou cerca de mil fonogramas entre 1910 e 1912, quase todos no Rio de Janeiro, dentre eles registros importantes, como as primeiras gravações de Pixinguinha com apenas 14 anos de idade. A atuação das empresas fonográficas alemãs Beka e Polyphon no Brasil é descrita pela primeira vez na literatura.

Palavras-chaves. Fonografia, discografia brasileira, discos mecânicos.

Abstract. A detailed historiography of Casa Faulhaber, one of the pioneering companies in the Brazilian phonographic industry, is presented for the first time. The study is specially based on interviews and documents provided by the Faulhaber Family, on newspapers, and on the examination of phonographic records. Casa Faulhaber, in association with the German company Favorite Record, produced about a thousand of phonograms between 1910 and 1912, almost all of them in Rio de Janeiro, among them important records, such as Pixinguinha's first recordings at just 14 years old. The presence of the german phonographic companies Beka and Polyphon in Brazil is described for the time in the literature.

Keywords. Fonography, Brazilian discography, acoustical records.

¹ Esta comunicação é um extrato do primeiro volume do projeto Discografia Brasileira: Os Pioneiros, coordenado pelo autor e que recebeu apoio de uma bolsa de pesquisa em Música do Instituto Moreira Salles.

Introdução

A indústria fonográfica se estabeleceu definitivamente no Brasil com a fundação da Casa Edison, de Fred Figner, que em 1902 lançou seu primeiro catálogo de discos e a esta época já vendia cilindros fonográficos havia alguns anos (FRANCESCHI 1984, 2002). A Casa Edison foi responsável por mais da metade dos cerca de 10 mil fonogramas produzidos no Brasil utilizando microfone acústico, os chamados “discos mecânicos”, tecnologia que foi substituída no ano de 1927 pelos microfones elétricos. Embora a Casa Edison tenha exercido um papel preponderante na época dos discos mecânicos, pelo menos outras oito gravadoras atuaram no Brasil neste período e deixaram registros fonográficos de grande interesse, dentre elas a Casa Faulhaber. Fundada em Juiz de Fora (MG) por filhos de emigrantes alemães como loja de variedades e produtos importados, a Casa Faulhaber mudou sua matriz para a cidade do Rio de Janeiro (RJ) e criou uma gravadora de discos que registrou cerca de mil fonogramas, lançados principalmente entre 1912 e 1914. Dentre os discos da Casa Faulhaber estão as primeiras gravações de Pixinguinha, ainda com 14 anos de idade, o registro pioneiro de um samba de partido alto, as únicas gravações do flautista Pedro Galdino, um solo de oficleide de Irineu de Almeida, as modinhas e lundus de Neco, Zeca e Florisbella. O pouco que é conhecido até o momento sobre a Casa Faulhaber vem dos estudos de SANTOS *et al.* (1982), que apresenta uma lista dos discos Favorite e Faulhaber brasileiros, e FRANCESCHI (1984, 2002), porém a história dessa gravadora ainda é muito mal compreendida.

No presente trabalho uma historiografia detalhada da Casa Faulhaber é apresentada pela primeira vez, tendo como base documentação e depoimentos fornecidos por membros da família Faulhaber, notícias em jornais da época, acessíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, e a análise de discos produzidos pela empresa (Figuras 1 e 2), disponíveis no Instituto Moreira Salles (IMS) e em coleções particulares.

Figura 1 – Favorite 1-450.006, São João debaixo d’água, pelo Pixinguinha, com Choro Carioca. Tipo de selo: Favorite vermelho e branco. Data de gravação: 8 de maio de 1911 (numerais árabes). Categoria de repertório: *Special Orchestra*. Código GH com significado não identificado. Número de série 1-450.006. Código de matriz: 11141-0-, sendo que a letra “0” depois do número indica que o técnico de som foi Max Birckhahn.

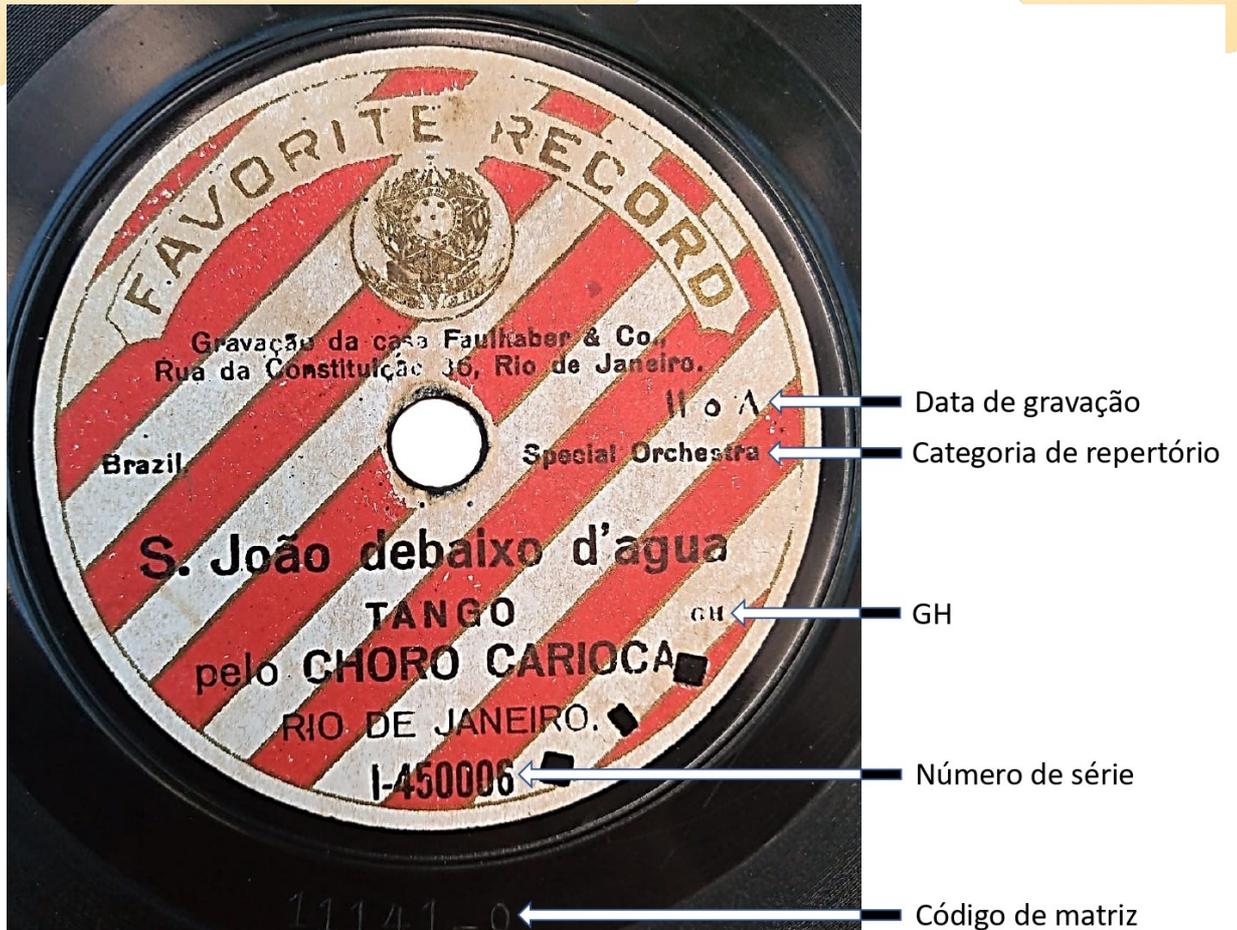
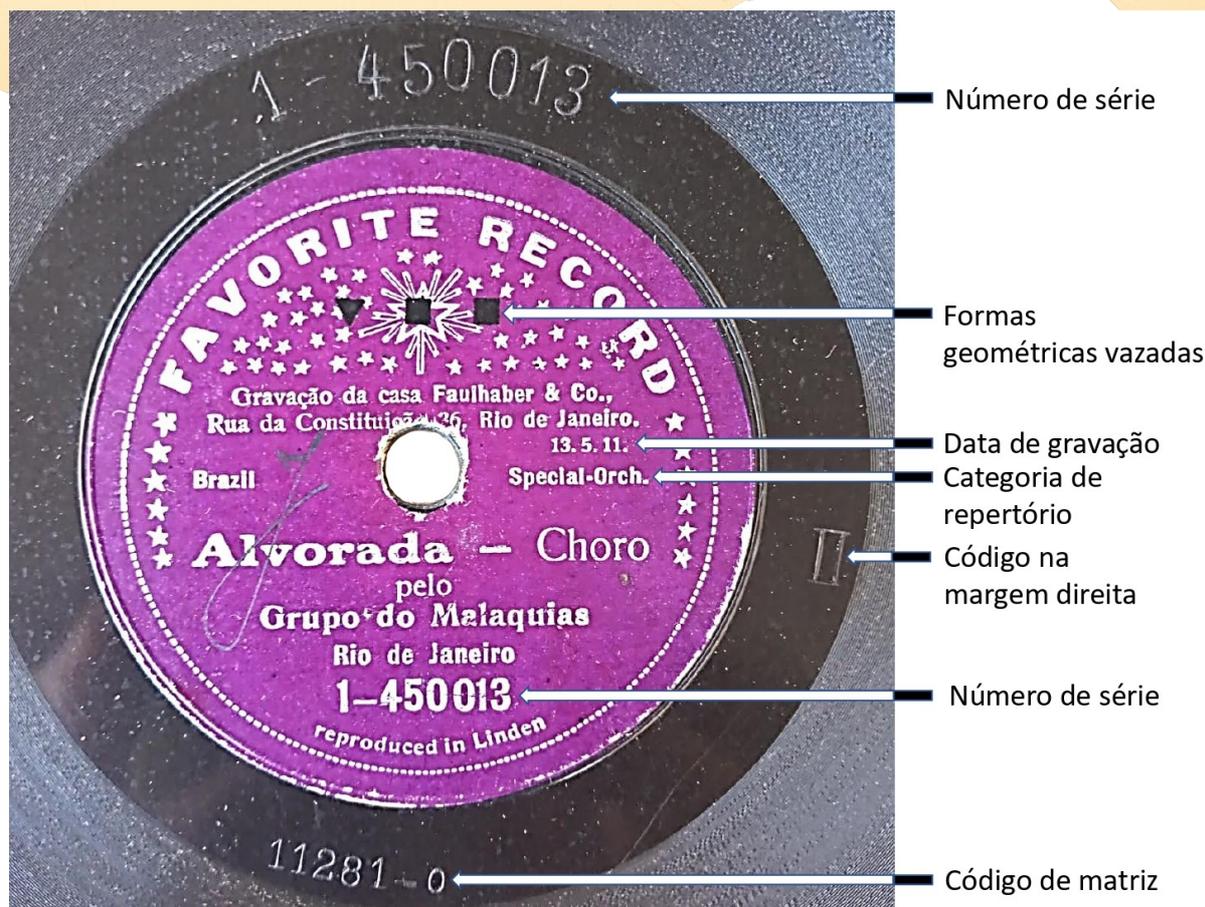


Figura 2 – Favorite 1-450.013, *Alvorada*, pelo Grupo do Malaquias. Tipo de selo: Favorite roxo. Número de série 1-450.013. Data de gravação: 13 de maio de 1911. Categoria de repertório: *Special-Orch.* O “código na margem direita” não tem significado identificado. Código de matriz: 11281-0, sendo que a letra “0” depois do número indica que o técnico de som foi Max Birckhahn.



Resultados e discussão

Os antepassados alemães e os pioneiros da família Faulhaber no Brasil ²

A Casa Faulhaber foi fundada por uma família de origem alemã que se estabeleceu no Brasil em 1846 junto às levas de emigrantes trazidas por Júlio Koeller para colonizar a nascente cidade de Petrópolis (RJ), que tinha a missão de abrigar o Palácio de Verão do então jovem imperador D. Pedro II. Philipp Heinrich Faulhaber e sua mulher Barbara Weidmann vieram da localidade de Grosswinternheim, na Alemanha, para o Brasil acompanhados da mãe de Barbara – Christine Weidmann – e de cinco filhos. Os Faulhaber, assim como outros colonos, receberam lotes de terra, onde estabeleceram residência e criaram uma serraria especializada na fabricação de carroças, que foi assumida pelo filho mais velho, Felipe, quando seu pai faleceu, no dia 09 de março de 1857.

² As informações sobre a família Faulhaber são baseadas na pesquisa genealógica não publicada de Nilton e Walter Faulhaber.

O terceiro filho de Philip e Barbara, Henrique Faulhaber, se radicou na cidade de Juiz de Fora (MG) aparentemente no final da década de 1870 e nesta cidade fundou uma oficina de fabricação de carroças semelhante à de seu pai.³ Henrique casou-se com a imigrante alemã Barbara Henriette Elisa Freez, e tiveram dez filhos, dentre eles os três fundadores da gravadora da Casa Faulhaber: Antônio, João Felipe e Frederico Guilherme (Fritz).

A nova geração, o comércio de variedades e a música

As duas primeiras gerações da família Faulhaber no Brasil viveram em grande parte da fabricação de carroças, porém, com o despontar do século XX, o transporte por tração animal começou rapidamente a ser substituído pelos carros e trens. A nova geração da família naturalmente buscou atividades distintas da de seus antepassados. Foi aparentemente no ano de 1895 que os filhos de Henrique fundaram a empresa *Faulhaber & Co.*, na cidade de Juiz de Fora, para o comércio de artigos variados, empresa que mais tarde, por volta de 1908 ganhou uma sucursal no Rio de Janeiro, na Rua General Pedra, 118, anunciada como sendo especializada no comércio de produtos da Zona da Mata Mineira e do oeste de Minas Gerais, além de produtos importados.⁴ Com a expansão dos negócios, os Faulhaber fecharam a loja da Rua General Pedra e fundaram outras duas lojas, uma na Rua da Constituição, número 36, e outra na Rua Marechal Floriano, número 119. A matriz da *Faulhaber & Co.* mudou de Juiz de Fora para o Rio de Janeiro por volta de 1909.⁵ A Casa Faulhaber de Juiz de Fora teve vários endereços, mas em janeiro de 1910 mudou-se para o número 137 da Rua Halfeld, e pouco depois se estabeleceu no número 139 da mesma rua, onde funcionou durante a época em que a gravadora da Casa Faulhaber esteve ativa.⁶ O comércio de especialidades mineiras foi um ramo de atividade inicial dos Faulhaber, posteriormente abandonado, passando a predominar o

³ A primeira atuação profissional de Henrique Faulhaber com carroças em Juiz de Fora foi encontrada em: *O Pharol*, ano 13, nº 92, 23/11/1879, p. 04.

⁴ *O Pharol*, ano 42, nº 69, 09/03/1908, p. 02.

⁵ A matriz é situada no Rio de Janeiro a partir de 1909, por exemplo em: *O Pharol*, ano 43, nº 50, 28/02/1909, p. 02.

⁶ *O Pharol*, ano 45, nº 15, 19/01/1910, p. 02.

comércio de variedades e de produtos importados e, durante certo tempo, a ênfase foi em artigos musicais.

A Casa Faulhaber e a Favorite Record

Para gravar e prensar discos de música brasileira, os Faulhaber se associaram à empresa alemã Favorite Record. Nessa época, não havia fábricas de discos no Brasil. As pioneiras foram a Fábrica Odeon, da Casa Edison do Rio de Janeiro, fundada em dezembro de 1912 (FRANCESCHI, 1984, 2002), e a fábrica da Casa A Electrica, fundada em Porto Alegre, em agosto de 1914 (VEDANA, 2006). A Favorite Record foi fundada pelos sócios Otto Multhaupt e Fritz Kindermann em Berlim, no dia 27 de agosto de 1904, como *Schallplattenfabrik Favorite GmbH*. Em abril de 1905, a Favorite mudou sua sede para Linden e entre 1913 e 1915 foi incorporada ao grupo empresarial fonográfico de Carl Lindström (ANDREWS, 2008).

A gravação de discos para a Casa Faulhaber

Antônio, João Felipe e Frederico firmaram uma sociedade relacionada ao comércio dos discos gravados especialmente para a Casa Faulhaber no dia 30 de setembro de 1911 (FRANCESCHI, 1984, p. 83). Segundo João Felipe, em entrevista cedida ao jornalista Brício de Abreu, a “gravadora Faulhaber foi fundada exclusivamente por Antônio” e Frederico “era o principal gravador”. Não é claro o porquê de João Felipe ter afirmado que Antônio seria o fundador exclusivo, talvez ele tenha sido o principal idealizador e incentivador. O que é certo é que ele era o sócio majoritário da empresa. Também é interessante, nesta entrevista, a citação de Frederico como gravador de discos, pois os responsáveis pela gravação dos discos Favorite eram comumente técnicos da empresa que viajavam por diversas partes do mundo produzindo fonogramas, e não agentes locais. Frederico possivelmente foi um ajudante desses técnicos, assim como o trompetista juiz-forano Leonel Vicente de Paula, que também foi citado como gravador da Casa Faulhaber.⁷ João Felipe era quem geralmente fazia a introdução falada das gravações,⁸ anunciando o título da música e o intérprete.

⁷ *O Pharol*, ano 47, nº 31, 06/02/1912, p. 02.

⁸ Conforme depoimento que nos foi cedido por sua filha Priscila Faulhaber.

A análise dos selos dos discos,⁹ que em geral informavam a data de gravação, permite inferir que quase todos os discos Favorite da Casa Faulhaber foram gravados em apenas duas séries de gravações feitas no Rio de Janeiro (Tabela 1, 2). A primeira dessas séries foi conduzida pelo técnico de som alemão Max Birckhahn. As gravações aconteceram do dia 7 ao dia 24 de maio de 1911, totalizando 16 dias de trabalho, com apenas dois dias de intervalo, o domingo, dia 14, e a segunda-feira, dia 22. O ordenamento dos fonogramas pelo número de matriz mostra que os trabalhos de gravação foram iniciados pelo Choro Carioca, tendo a sua frente, como flautista solo, o estreante Pixinguinha, com apenas quatorze anos de idade. No total foram gravados pouco mais de 430 fonogramas, o que totaliza uma média de aproximadamente 27 fonogramas por dia de gravação. O dia em que talvez tenham sido feitas mais gravações foi 9 de maio, quando ao menos 33 músicas foram gravadas pelos cantores Arthur Castro e Nozinho, ambos acompanhados de violão ou piano. Os discos gravados em maio de 1911 foram lançados aparentemente no início de 1912, sendo as primeiras propagandas encontradas em jornais do mês de fevereiro desse ano.

A segunda série de gravações no Brasil foi feita pelo técnico de som Wilhem Winkel. Contudo, não sabemos os dias exatos em que estas gravações aconteceram, pois, ao contrário dos fonogramas gravados por Max Birckhahn, lançados com a data de gravação estampada nos selos, os discos produzidos a partir das gravações de Wilhem Winkel continham apenas uma única data no selo, o dia 11 de dezembro de 1912. O período em que essas gravações foram feitas pode ser deduzido a partir de uma notícia encontrada no jornal *A Época* do dia 10 de novembro de 1912, em que consta que Wilhelm Winkel hospedara-se no dia anterior no Hotel Avenida, no Rio de Janeiro, tudo indica que recém-chegado de viagem.¹⁰ Se ele chegou ao Rio de Janeiro no dia 9 de novembro de 1912, ou talvez um pouco antes, é provável que 11 de dezembro tenha sido o dia do término das gravações ou de sua partida do Rio de Janeiro. De qualquer foram, é certo afirmar que as gravações foram feitas nos meses de novembro e dezembro de 1912. A observação dos números de matrizes indica que nesse período foram

⁹ Os selos dos discos Favorite informavam a data de gravação e junto ao número de matriz impresso na massa dos discos havia um código referente ao técnico responsável pela gravação.

¹⁰ *Correio da Manhã*, ano 13, nº. 5.350, 23 de setembro de 1913, p. 06.

gravados cerca de 420 fonogramas, sendo o número de fonogramas e o tempo de duração da estadia do técnico no Brasil semelhantes aos de Max Birckhahn, o que talvez indique um padrão de procedimento da Favorite Record. Aparentemente, os discos com os fonogramas da segunda série de gravações começaram a ser vendidos por volta de setembro de 1913, época em que se observa nos jornais da época o lançamento de novos discos Favorite.

Além dessas séries de gravações, há dois conjuntos menores de gravações realizadas em Hanover, na Alemanha, para a Casa Faulhaber. Cerca de 30 fonogramas do cantor Arthur Castro, gravados do dia 27 ao dia 29 de junho de 1912 pelo técnico de som Giuseppe Gidino, e cerca de 80 fonogramas gravados espaçadamente ao longo do ano de 1910 e em janeiro de 1911 por conjuntos instrumentais de origem não identificada, com auxílio dos técnicos Otto Birckhahn e Max Birckhahn. Esse último conjunto de gravações ainda é enigmático: não se sabe nem mesmo se os músicos eram brasileiros ou não. O fato é que essas são as primeiras gravações da Favorite Record para a Casa Faulhaber, talvez uma experiência inicial entre os Faulhaber e a empresa alemã, em que possivelmente os próprios irmãos Faulhaber estivessem na Alemanha em negociações e tenham participado das gravações como músicos.

Tabela 1 – Identificação dos locais e datas de gravação dos discos Favorite brasileiros em função do número de séries.

Séries	Local e data de gravação			
	Hanover, ao longo de 1910 e janeiro de 1911	Rio de Janeiro, maio de 1911	Hanover, junho de 1912	Rio de Janeiro novembro e dezembro de 1912
1-450	-	1-450.002 – 1-450.090	-	1-450.091
1-451	-	1-451.001 – 1-451.031	-	1-451.035 - 1- 451.046
1-452	1-452.001 – 1-451.078	1-452.080 – 1-452.211	-	1-452.212 - 1-452.420
1-453	-	-	-	1-453.001
1-454	-	1-454.001 – 1-454.031	-	1-454.033 – 1-454.132
1-455	-	1-455.004 – 1-454.092	1-455.106 – 1-455.130	1-455.140 – 1-455.169
1-456	-	-	-	1-456.008 – 1-456.013
1-457	-	1-457.001 – 1-457.029	-	1-457.031 – 1-457.061
1-458	-	1-458.003	-	-
1-459	-	1-459.001 – 1-459.007	-	1-459.012 – 1-459.013

Tabela 2 – Identificação de discos Favorite gravados para a Casa Faulhaber através dos números de matriz.

Número de matriz	Local de gravação	Data de gravação	Técnico de som	Número aproximado de fonogramas gravados
1.581 - 1.595	Hanover	22/02/1910	Otto Birckhahn	15
1.760 - 1.773	Hanover	12/04/1910	Otto Birckhahn	14
2.199 - 2.207	Hanover	18/07/1910	Otto Birckhahn	9
9.607 - 9642	Hanover	9-10/09/1910	Max Birckhahn	36
9.606, 9.614, 9.639	Hanover	27/01/1911	Max Birckhahn	3
11.125 - 11.559	Rio de Janeiro	7-24/05/1911	Max Birckhahn	435
538 - 562	Hanover	27-29/06/1912	Giuseppe Gidino	25
7.091 -7.510	Rio de Janeiro	nov. / dez de 1912	Wilhelm Winkel	420
Total:				957

Os artistas ligados à Casa Faulhaber

Os grupos instrumentais que gravaram para a Casa Faulhaber são mostrados na Tabela 3. Os grupos organizados pela própria Casa Faulhaber gravaram um maior número de fonogramas, destacando-se a Banda da Casa Faulhaber. Essas formações instrumentais que na primeira série de gravação no Brasil aparecem nos selos dos discos como “*Banda da casa Faulhaber & Co.*”, “*Quartetto da casa Faulhaber & Co.*” e “*Sextetto da casa Faulhaber & Co.*” na segunda série de gravações aparecem respectivamente como “*Banda Faulhaber*”, “*Quartetto Faulhaber*” e “*Sextetto Faulhaber*”. Não foi possível identificar os integrantes dos grupos musicais da Casa Faulhaber, mas alguns nomes que aparecem como solistas nos selos dos discos e que possivelmente em algum momento integraram os grupos são o trompetista Napoleão Tavares, os trombonistas Candinho Silva e João Antônio e o clarinetista João dos Santos. Além destes, Ary Vasconcelos afirma que Cupertino de Menezes foi regente da Banda da Casa Faulhaber, mas não fornece detalhes (VASCONCELOS 1977, p. 152). A participação ou não dos irmãos Faulhaber como músicos nos grupos da Casa Faulhaber ainda é uma questão sem resposta. Na memória da família consta que eles gravaram discos. Nesse sentido também é interessante o depoimento do jornalista Brício de Abreu que tinha uma relação de amizade com Frederico e João Felipe Faulhaber, e que menciona a existência de discos

gravados pela “*Orquestra dos Irmãos Faulhaber*”.¹¹ Outros solistas identificados nos discos da Casa Faulhaber são: Pixinguinha e Irineu de Almeida, no grupo Choro Carioca; Pedro Galdino e Leonel Vicente de Paula, no grupo Pessoal do Bloco; os flautistas Clementino de Oliveira e Agenor Bens; o pianista Getulio Raymundo da Silva.

Tabela 3 – Conjuntos instrumentais que gravaram para a Casa Faulhaber, com número aproximado de fonogramas encontrados.

Grupo instrumental	Primeira série de gravações (Rio de Janeiro, maio de 1911)	Segunda série de gravações (Rio de Janeiro, novembro e dezembro de 1912)
Banda 52 de Caçadores	1	-
Banda da Casa Faulhaber	114	-
Banda do Corpo de Bombeiros	17	-
Banda Escudero	9	-
Banda Faulhaber	-	28
Choro Carioca	9	-
Choro Faulhaber	-	19
Grupo do Chico Quebra	-	3
Grupo dos Desafinados	-	9
Grupo do Malaquias	22	-
Pessoal da Lyra	-	1
Pessoal do Bloco	21	-
Quarteto da Casa Faulhaber	30	1
Quarteto Faulhaber	-	3
Sexteto da Casa Faulhaber	1	-
Sexteto Faulhaber	-	46
Solistas da Banda da Casa Faulhaber	15	-

Até o momento são conhecidos 17 cantores que gravaram para a Casa Faulhaber. Dentre eles, Arthur Castro se destaca com um número muito maior de fonogramas, seguido por Neco, Souza e Nozinho (Tabela 4).

¹¹ *Diário da Noite*, ano 32, nº 11.770, 24 de março de 1961, p. 12

Tabela 4 – Cantoras e cantores que gravaram para a Casa Faulhaber, com número aproximado de fonogramas conhecidos.

Cantor(a)	Primeira série de gravações (Rio de Janeiro, maio de 1911)	Segunda série de gravações (Rio de Janeiro, novembro e dezembro de 1912)
Accacio	3	-
Alberto	4	-
Arthur Castro	29	-
Arthur Castro e Leontina	1	-
Barboza	-	1
Eduardo de Carvalho	1	-
Florisbella	-	5
Iracema Bastos e Souza	1	-
Neco	8	7
Nozinho	6	-
Orestes Mattos	-	3
Octavio	2	-
Octavio, Souza e Iracema	1	-
Pacheco	-	2
Serrano	-	5
Souza	7	-
Souza e Arminda	2	-
Souza e Octavio	1	-
Zeca	-	8
Zeca e Florisbella	-	1

Compositores de Juiz de Fora e Petrópolis

Provavelmente a maioria dos filhos de Henrique Faulhaber nasceu em Juiz de Fora ou pelo menos viveu parte de sua juventude naquela cidade, onde foi fundada a Faulhaber & Co. Não é de se estranhar que eles tenham trazido compositores e intérpretes de Juiz de Fora para os discos da Casa Faulhaber. Foram identificados 15 compositores nascidos ou radicados em Juiz de Fora e arredores que gravaram ou cederam direitos para uso comercial de músicas à Faulhaber & Co., e é bem provável que haja outros nomes a serem descobertos. Os compositores são: Antônio Carlos Martins, Antônio Costabile, Archanjo Manzo, Armando de

Faria, Carlos Alves, Carlos Dias de Faria, Christovam Gogliano, Eleuterio Pitta, Euclides de Britto, Francisco Bicalho, Henrique Escudero, Leonel Vicente de Paula, Luiz Winter, Pedro Celestino da Silva e Ramos Baeta. Outros quatro compositores – Damião Maia, João Ernesto, João Feliciano e José de Paula Alves – eram residentes em Minas Gerais na época e cederam músicas aos Faulhaber,¹² sendo bastante provável que também fossem de Juiz de Fora ou arredores.

Dentre os intérpretes juiz-foranos que gravaram para a Casa Faulhaber estão o flautista Clementino de Oliveira que, pela facilidade com que alguns de seus discos são encontrados hoje em dia, parece ter sido um dos maiores sucessos de vendas de discos Favorite, o clarinetista e compositor Leonel Vicente de Paula, e o maestro e compositor Henrique Escudero. Este último gravou posteriormente vários discos para a Casa Edison do Rio de Janeiro, liderando a Banda Escudero, tendo ficado conhecido nacionalmente.

Também é interessante destacar dois artistas atuantes na cidade de Petrópolis – o cantor e compositor Neco, que na era dos discos mecânicos gravou apenas para a Casa Faulhaber, tendo alcançado bastante sucesso especialmente com a modinha *Amor ingrato*, e o compositor e maestro Bernardino Vianna. Petrópolis foi a cidade onde primeiro se instalou a família Faulhaber no Brasil, e é possível que esses artistas tivessem relações pessoais com os Faulhaber.

Discos Faulhaber e a presença das empresas alemãs Polyphon e Beka no Brasil

A Casa Faulhaber, além de lançar discos com o selo Favorite Record, produziu um selo próprio chamado *Disco Faulhaber*, ou simplesmente *Faulhaber*. Os raros exemplares encontrados hoje em dia sugerem que somente poucas dezenas de fonogramas de música brasileira foram lançadas com este selo, além de gravações estrangeiras feitas pelas empresas alemãs Polyphon e Beka. O estudo comparado da morfologia dos discos e dos números de série e matriz indica que os discos Faulhaber com fonogramas brasileiros, gravados no Rio de Janeiro em 1912,¹³ foram prensados pela fábrica da Polyphon, no distrito de Wahren, cidade de Leipzig, na Alemanha. Os artistas que gravaram em selo Faulhaber, segundo o que se sabe

¹² Segundo documentos de cessão de direitos autorais.

¹³ Conforme observado em documento de cessão de direitos autorais.

até o momento, foram os cantores Astolpho, Arthur Castro e Geraldo Magalhães e o rancho Flor do Abacate.

A Polyphon foi fundada em 1887 por Gustav Adolf Brachhausen e Ernst Paul Riesener, que criaram a firma *Brachhausen & Riesener*, e inicialmente produziam elaboradas caixas de música, alimentadas com discos metálicos perfurados que podiam ser trocados. Em 1895 a empresa passa a se chamar *Polyphon Musikwerke A.G.* e, em 1905, começa a lançar discos, tornando-se gradualmente uma grande empresa fonográfica atuante em vários países.¹⁴ É possível que o técnico de som responsável pela gravação dos discos Faulhaber brasileiros tenha sido o alemão Wilhelm Hadert.¹⁵ Justamente em 1912, ano em que os discos Faulhaber foram gravados, ele esteve no Brasil, partindo da cidade alemã de Hamburgo no dia 12 de junho no transatlântico *Cap Finisterre*, acompanhado de sua mulher Rosa Hadert, com destino final Buenos Aires, e com parada no Rio de Janeiro e em outras cidades. Em sua passagem pelo Brasil, Wilhelm Hadert tirou patente da invenção de “*um novo disco duplo para gramophone e aparelhos analogos*”¹⁶ não se sabe exatamente com que objetivo, mas sugerindo uma atuação profissional no Brasil com gravações. Sobre suas atividades profissionais, sabe-se que ele trabalhou para diversas gravadoras alemãs. Entre 1904 e 1907 estava na Beka, em 1911, na Dacapo e em meados de 1913, na Lyrophon. Há uma lacuna de conhecimento sobre suas atividades justamente no período de 1912 até o início de 1913. É uma suposição plausível a de que Wilhelm Hadert estivesse a serviço da Polyphon gravando na América do Sul em 1912 e inclusive tenha feito gravações para essa empresa em Buenos Aires, destino final de sua viagem no transatlântico *Cap Finisterre*, já que, de fato, foram

¹⁴ História do Polyphon disponível por exemplo em: <https://grammophon-platten.de/page.php?107>, <https://www.discogs.com/label/1012478-Polyphonwerke-A-G>.

¹⁵ Informações biográficas em: http://www.recordingpioneers.com/RP_HADERT1.htm

¹⁶ *O Norte*, Paraíba, ano 05, nº 1.207, 04/08/1912, p. 02.

lançadas, por volta de 1913, gravações de músicas argentinas pela Polyphon em distintos selos¹⁷.

Para entender a atuação da Beka e da Polyphon no Brasil é interessante observar como essas empresas atuaram em outros países na mesma época. Diferente por exemplo da Odeon ou da Favorite, a Beka e a Polyphon se expandiram pelo mundo se associando a agentes locais e lançando suas matrizes com uma multiplicidade de selos. Em Portugal discos gravados pela Beka foram vendidos com selos *Ideal* e *Disco Simplex*, além do selo *Beka*¹⁸. Na Argentina a Polyphon lançou gravações com selos *Polyphon*, *Disco Exposición*, *Relsie Record*, *Gath & Chaves*, além dos múltiplos selos da Casa Tagini, que pela morfologia dos discos e coincidências de números de série e matriz também são reconhecidos como discos fabricados pela Polyphon.

Houve “pirataria” de discos no Brasil no início do século XX?

Os discos com gravações estrangeiras da Polyphon e da Beka lançados em selo Faulhaber tinham o selo original substituído pelo selo da marca brasileira, às vezes com os nomes das músicas e dos intérpretes traduzidos ou modificados. No Brasil a presença destes discos costuma gerar certa confusão entre colecionadores e pesquisadores, que acreditam haver algum tipo de “pirataria”, sendo discos estrangeiros ilegalmente vendidos com selos “abrasileirados”. Savério Leonetti¹⁹ tem sido o mais acusado neste sentido, especialmente devido às muitas gravações estrangeiras da Beka, por exemplo, das séries alemãs 12.0000 e 13.000 lançadas no chamado selo “Gaúcho-rosa”, o primeiro lançado pela Casa A Electrica.

¹⁷ BINDA (2019), na página 27 de seu livro diz que os discos com selo Polyphon lançado em 1913 na Argentina presumivelmente foram gravados na Espanha, mas não entra em detalhes sobre o assunto. Porém, embora não tenha sido mencionado por este autor, a Polyphon lançou discos com outros selos na Argentina e a ocorrência de gravações feitas pela Polyphon no Brasil na mesma época sugere fortemente que um técnico desta empresa alemã tenha vindo a América do Sul fazer gravações.

¹⁸ Conforme descrito e ilustrado por BELCHIOR (2011).

¹⁹ Empresário italiano que fundou a Casa A Electrica, em Porto Alegre, que lançou os discos com selo Gaúcho com música brasileira.

Esses discos chegaram inclusive a serem equivocadamente catalogados como gravações brasileiras por VEDANA (2006).

Devido à ausência deste assunto na literatura, é importante esclarecer que a série 70.000 com gravações brasileiras lançada nos selos Disco Brazil, Gaúcho e Phoenix foi produzida pela Beka e comercializada nestes três selos brasileiros em associação respectivamente com a Casa A Exposição, de Gabriel Soares, a Casa A Electrica, de Savério Leonetti, e a Casa Edison de São Paulo, de Gustavo Figner. Também foram lançados no Brasil discos da série 48.000 da Beka com as gravações feitas em Berlim, no ano de 1912, pelo cantor Arthur Castro acompanhado pelo violonista Josué de Barros. Estas gravações foram lançadas na Europa em selo Beka e no Brasil nos selos Gaúcho e Phoenix. A série Beka 48.000 era em maior parte dedicada à música portuguesa e também foi comercializada no Brasil com selo Faulhaber.

Discos Favorite Record estrangeiros lançados pela Casa Faulhaber

Estratégia comercial semelhante à praticada pela Polyphon e pela Beka no Brasil para comercialização de gravações estrangeiras junto à Casa Faulhaber foi utilizada pela própria empresa Favorite. Porém, neste último caso, os discos estrangeiros eram mais detalhadamente modificados para serem comercializadas, de forma que se confundissem com gravações brasileiras. Os títulos das músicas e outras informações eram traduzidos para o português ou mesmo inteiramente recriados. As interpretações usualmente eram creditadas a grupos instrumentais da Casa Faulhaber, e mesmo o lado não gravado dos discos com gravações estrangeiras era idêntico ao dos discos com gravações brasileiras, trazendo a inscrição “*gravado especialmente para a Casa Faulhaber Co. Rio de Janeiro*”. Estes discos são muito encontrados hoje em dia em coleções, o que dá a entender que foram lançados em quantidade na época, e causam muita confusão, sendo comum encontrá-los equivocadamente guardados em acervos ou vendidos como gravações brasileiras raras. Foram observados discos estrangeiros comercializados pela Casa Faulhaber com gravações da França, Alemanha, Portugal, Reino Unido e Império Russo lançados desta maneira pela Casa Faulhaber.

O fim dos Discos da Casa Faulhaber

Tudo indica que a causa do fim das atividades da gravadora da Casa Faulhaber foi uma conjunção de fatores ligados à primeira grande guerra e à competição com a Casa Edison, que possuía com exclusividade a patente para comercializar discos duplos, o que era extremamente vantajoso. Na reportagem que o jornalista Brício de Abreu fez, baseando-se em uma entrevista com João Felipe Faulhaber, esses dois fatores são destacados²⁰:

[A Casa Faulhaber] Ia de vento em pôpa, quando estourou a guerra de 1914. Os irmãos Faulhaber tinham enviado para Linden várias gravações, e haviam recebido perto de 300 mil discos, gravados só de um lado, como era uso na época. Acontece que Frederico Figner obteve então o “privilégio” dos discos impressos nos dois lados. A soma dispendida por êles havia sido enorme. Os discos encalharam e assim, com enormes prejuízos, fecharam os Faulhaber sua gravadora...

Outro fator que pode ter dificultado a continuidade dos discos da Casa Faulhaber é o fato da empresa Favorite Record começar a ser incorporada ao grupo de Carl Lindström em 1913, havendo certa perda de interesse pelos mercados sul-americano, asiático e africano, o que possivelmente pode ser relacionado com a primeira grande guerra. A Casa Faulhaber continuou existindo por alguns anos, porém como loja de variedades, não mais como gravadora de discos.

Considerações finais

Foi possível traçar uma historiografia da importante empresa fonográfica que foi a Casa Faulhaber. Também foi colocado em tela pela primeira vez aspectos da atuação no Brasil das empresas Beka e Polyphon, além da Favorite, e dirimir questões relacionadas a uma suposta pirataria de discos. Por fim, é interessante destacar como a leitura correta das informações existente no selo e na massa dos discos e a análise comparada dessas informações permitiu inferir aspectos relevantes, como fábrica de origem, local e data de gravação e técnicos de som, consistindo, portanto, de importante fonte histórica.

²⁰ *Diário da Noite*, ano 31, nº 11.972, 13 de abril de 1959, *Suplemento do Disco*, p. 07, 12.

Referências

- ANDREWS, Frank. *The history of Favorite Records as issued in the UK - Sept. 1906 to May 1916*. Londres: City of London Phonograph and Gramophone Society – CLPGS, 2008.
- BINDA, Enrique. *Los primeros 25 años de la fonografía Nacional*. Buenos Aires: edição do autor, 2019.
- FRANCESCHI, Humberto Moraes. *Registro sonoro por meios mecânicos no Brasil*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1984.
- FRANCESCHI, Humberto Moraes. *A Casa Edison e seu tempo*. Rio de Janeiro: Sarapui, 2002.
- SANTOS, Alcino; BARBALHO, Grácio; SEVERIANO, Jairo; AZEVEDO (NIREZ), Miguel Ângelo. *Discografia brasileira – 78 rpm (1902-1964)*. Rio de Janeiro: Funarte, 1982.
- VASCONCELOS, Ary. *Panorama da música popular brasileira na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Livraria Sant’Anna, 1977.
- VEDANA, Hardy. *A Eléctrica e os Discos Gaúcho*. Porto Alegre: s.c.p., 2006.